

MULHERES ANARQUISTAS

Francisco Correia

Tem razão Maria Lacerda de Moura quando se insurge contra Afonso Schmidt, escritor boêmio que nunca esteve por inteiro comprometido com os anarquistas nem com os comunistas:

"Meu bom amigo Rodolfo Felipe".

Hoje venho agradecer-lhe o livro de Afonso Schmidt, "Colônia Cecília"¹. Gostei muito como documento histórico, e fiquei encantada com a liberalidade do nosso Pedro II. Mas, acho que o Schmidt fez uma coisa apressada, embora tenha sempre valor o que ele escreve. Com o seu talento e sua arte, podia ter feito uma obra-prima de beleza. Perdeu ou deixou perder, com a pressa com que se tem de fazer tudo hoje, muito motivo interessante que ele poderia ter aproveitado.

Por exemplo, com o natural egoísmo de homem próprio do sexo, não teve uma palavra para aquela que foi a "criada" dos anarquistas, dos homens que não queriam explorar ninguém..., para a única mulher que veio com os primeiros colonos ou fundadores da Colônia, a lavadeira, cozinheira, a tábua de bater roupa de todos... Não perdoei essa falha! Livro de homem, mesmo que fosse anarquista..." E continua: *"A segunda grande falha, proposital, talvez, porque é a unhazinha do comunista que saltou, sem querer... é a da página 28, quando cita o "nihilismo" de Bakunine, aliás isso não é nada. O principal é citar Max Stirner como "pai de Sorel" (evidentemente mã fê) , "avô de fascistas, nazistas e tutti quanti". Se o Schmidt lesse hoje Stirner, como artista e individualista que é (não há ninguém mais individualista!), se ainda fosse livre para ler aquele grande anarquista, ficaria encantado, maravilhado. Mas não pode porque os comunistas do tempo de Brandão decretaram que ser anarquista e individualista é a maior vergonha do mundo".*

Tece outras considerações e conclui seu protesto:

"Gosto do Schmidt e muito, mas gostaria mais dele se fosse mais sincero com a sua própria consciência e ficasse só no artista e... olhe lá..."

O descuido com a mulher participante da experiência anarquista no Paraná não foi um comportamento exclusivista de Afonso Schmidt. Outros escritores, jornalistas e até mesmo elementos anarquistas com participação na "Colônia Cecília", esqueceram os nomes das colaboradoras femininas. E no entanto o trabalho físico das mulheres na Comunidade, sua presença nas reuniões coletivas e o seu desprendimento não po

dem ser ignorados. Sabe-se que renunciaram ao conforto das cidades. Algumas doaram jóias para comprar sementes e ferramentas, realizaram tarefas valiosas, além dos serviços de cozinha e higiene nas habitações, enquanto apoiavam os companheiros, incentivando-os a continuar depois de trabalho mal sucedido.

Outras tiveram seus filhos atacados e mortos pela Crupe, inclusive Adela, companheira de Rossi, que viu morrer três das suas cinco filhas² nascidas no Brasil.

Zélia Gattai em sua fantasia "Anarquistas Graças a Deus" comete a mesma injustiça. Fala da passagem de sua avó, Argia Fagnoni Gattai³ sem dar a devida importância à sua firmeza ideológica e participação na Colônia, nem mesmo levando em conta a perda de um filho logo ao chegar ao Brasil.

Até Rossi - em que pese sua tese sobre "Amor e Família"⁴ - cometeu injustiças deixando no esquecimento os nomes das colaboradoras femininas na experiência anarquista do Paranã.

Em defesa da mulher, Maria Lacerda de Moura não mediu esforços, investiu contra instituições clericais, burguesas, políticas e contra o Estado, com argumentos firmes:

"E querem convencer-nos de que - sem a força, a lei, o Governo - a mulher se entregará ao primeiro que passar! Nunca!"

"Eduquem a mulher, despertem a sua consciência, iluminem a sua clarividência moral e ela reformará o mundo, fará da humanidade em luta a alavanca formidável em caminho de um mundo novo.

E veremos a cooperação de todas as forças para a felicidade coletiva.

O amor livre pregado pelos grandes idealistas não é a imoralidade, a dissolução da família e do lar, o mercado de prostituição, a libertinagem que sem o amor livre campeia desenfreada neste triste século parecendo querer reviver a degradação de tempos imemoriais".⁵

Salvo algumas mulheres que se destacaram - como Maria Lacerda de Moura - pelo que escreveram na imprensa ou falaram nos comícios e em conferências, a maioria delas tem passado despercebida à pena de jornalistas e escritores. É um comportamento machista, injusto para com a mulher que lutou ao lado do homem nas fábricas, nas associações operárias, colaborou nos Grupos de Teatro Social, participou de Congressos Operários, nos Centros de Cultura Social, em comícios, passeatas, greves, foi presa e sofreu humilhações.

O Desabrochar

Na última década do século 19 começaram a publicar-se os jornais anarquistas "O Despertar", sob a direção do operário chapeleiro José Sarmento Marques, e "O Protesto", redigido por J. Mota Assunção, ambos no Rio de Janeiro.

Nos primeiros anos do nosso século aparece "A Greve", por iniciativa



Avelino Fõscolo, ex-operã
rio e escritor, foi pio
neiro do teatro libertã
rio em Minas Gerais (AEL)

Maria Lacerda de Moura, a
militante que idealizou a
comunidade livre de Guara
rema, em São Paulo (AEL)



de Elísio de Carvalho, passando em seguida a ser dirigido por Francisco Pausílipo da Fonseca, e "O Trabalho" em que colaboravam Maria de Oliveira, Elísio de Carvalho, Erasmo Vieira, J. Mota Assunção e Guarani.

Nos anos de 1904/5 publicou-se a revista "Kultur", nasceram a Universidade Popular e o jornal "Novo Rumo". Foram seus fundadores os anarquistas Maria de Oliveira, Luiz Magrassi, Joel de Oliveira, José Romero, Alfredo Vasquez, Salvador Alacid, Carlos Lobagele, José Rodrigues, Antonio Murtinho e João Benevenuto. Sua redação ficou a cargo do casal, Joel e Maria de Oliveira.

Uma mulher que começou escrevendo nos primeiros anos do nosso século na imprensa anarquista, foi Matilde Magrassi. Colaborou inclusive no jornal "A Terra Livre", de São Paulo. Anticlerical, anarquista, Matilde Magrassi também falava nas assembléias. Foi sem dúvida uma militante ativa, consciente, integral, das primeiras mulheres a defender a igualdade homem-mulher na imprensa libertária.

No Sul despontavam Maria Silva⁶ e Catalice Silva. A primeira veio do Uruguai, criança ainda. Participou da luta de classes e do teatro anarquista, convertendo-se numa das mais coerentes militantes femininas que o anarquismo teve no Sul.

Catalice⁷ falava nas assembléias, defendia nos Congressos idéias libertárias e a igualdade mulher-homem que afrontava o machismo da época.

Em São Paulo e Santos, empunhando a pena ou fazendo uso da palavra, Ernestina Lesina (socialista), Elisabella Valentini, Teresa Maria Carini, Isabel Cerruti, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares,⁸ Emma Ballerini, Tomasina Montsanto, Sofia Garrido e Maria Lacerda de Moura deixaram marcas inapagáveis na imprensa e no movimento anarquista, ao longo de meio século.

No Teatro e na Escola

Os anarquistas não se limitaram a fazer propaganda de suas idéias nos comícios e pela imprensa. Fundaram também grupos de teatro amador para divulgar o anarquismo entre as famílias operárias, enquanto lhes ofereciam um divertimento ao alcance de suas possibilidades econômicas, contando desde o início com a participação valiosa da mulher.

No Sul, ainda no século 19, formou-se o Grupo Dramático para levar a cena as peças libertárias "Gaspar o Serralheiro", de Batista Machado, e a comédia "Os Apuros de Um Noivo". Foram representadas várias vezes com grande sucesso em 1897 e contaram com a participação do elemento feminino.

A partir da primeira década do século 20, o teatro anarquista evoluiu, aumentou suas representações com a colaboração de Maria Silva.

Em São Paulo a participação da mulher na propaganda anarquista - através do teatro amador - foi imensa.

É inteiramente impossível, hoje, levantar todos os nomes mesmo contando com ajuda de três sobreviventes dessa época. Vamos, portanto, lembrar Maria Anto

nia Soares. Maria Angelina Soares, Olga Biasi, Maria Garcia, Carolina Boni, Helena Santini, Lúcia Santini, Vitória Guerreiro, E. Camillis, Matilde Cruz, Esmeralda Bários, Nena Valverde, Candida Alarcón, Mercedes Solé, Nieves Simon, Margarida Sales, Adelina Santos, Odessa Pavilla, Rosa Corti, Nilsa Molina, Nilsa Pires, Nair Pires, Ebe Madoglio, T. Amato, I. Italy, Angelina Valverde e Maria Valverde Dias - que juntamente com outras mulheres cujos nomes não conseguimos identificar - participaram em épocas diferentes da propaganda anarquista, representando mais de uma centena de dramas e comédias. O teatro foi, por cerca de 50 anos, um dos mais eficientes veículos de divulgação do anarquismo ao nível da família.

Atividade teatral - com ajuda obrigatória do elemento feminino - também chegou a Campinas e Santos. Nesta última cidade, denominada a "Barcelona Brasileira", "Sofia"⁹ Krup, Elza Costa, Aurora Novoa, Luiza Novoa e as irmãs Odete e Isaura participaram nas peças Gaspar - o Serralheiro, Sangue Fecundo, Primeiro de Maio, Amanhã, O Pecado de Simoniã, Cristo Moderno, Infanticídio, em atos de variedades e recitais de poesias revolucionárias, sempre precedidas de uma conferência proferida por conhecido militante ácrata.

No Rio de Janeiro, o teatro anarquista fundado pelo libertário espanhol Mariano Ferrer, em 1903, continuado pelo ator formado na Universidade de Coimbra e anarquista, Romualdo de Figueiredo, depois por Carlos de Abreu, português das ilhas, contou com participação de Clotilde Duarte, Davina Fraga¹⁰, Dolores Ribas, Francisca Morais, as meninas Pilar e Tata, Carmen Ferrer, Vole, e Tulia Burlini, Carmen Arau, Verônica e Ana Juleu, Rosa Neto, Clara Teles, Argentina Neiva, Edna, Carolina Barbosa, Maria Monteiro, Maria Rezende, Elvira Boni, Amélia Garrido, Anita Figueiredo¹¹, Corina Licínio, Elisa de Oliveira, Maria da Piedade, Antonieta Pires, Nair Matera, Homérica Matera, Corina Licurgo e, na última fase, Pilar Soares, Matilde Soares, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares e Sra. Belarmina Fernandes, representaram O Pecado de Simoniã, Primeiro de Maio, Amanhã, Avatar, Sangue Fecundo, Infanticídio, A Ceia dos Pobres, Greve de Inquilinos, Fuzilamento de Ferrer e mais de meia centena de dramas, comédias e paródias libertárias.

Paralelamente à atividade teatral, a mulher participou da divulgação do anarquismo ensinando nas escolas operárias pelos métodos da Escola Moderna de Ferrer e colaborando na imprensa libertária.

Angelina Soares conheceu o anarquismo em Santos. Em 1914, transferindo-se para S. Paulo, começou a ajudar seu irmão - Florentino de Carvalho - a fazer o jornal "La Barricata - Germinal" em português e italiano. Escreveu artigos, fez palestras, trabalhou no teatro anarquista (S. Paulo e Rio) com suas irmãs, fundou e dirigiu grupos de cultura social enquanto exercia o magistério particular em escolas anarquistas, discursou e foi presa por suas idéias ácratas.

É da sua responsabilidade o convite que transcrevemos:

"Centro Feminino de Educação

Comp. Edgard Leuenroth.

Convidamos o companheiro e sua família para assistir à sessão de propaganda que se realizará no dia 17 do corrente às 20 horas, no salão sito à rua Brigadeiro Machado, 47.

Farão uso da palavra as companheiras Isabel Cerrutti e Ricardo Cipolla.
Certas do seu comparecimento, manifestam-se gratas.

Pelo Comitê

Angelina Soares."

Isabel Cerrutti foi outra colaboradora muito produtiva escrevendo na imprensa, falando nas assembléias, proferindo conferências e ensinando nas escolas. Mas quem deixou mais trabalhos publicados foi sem dúvida Maria Lacerda de Moura. Suas obras¹², seus artigos, conferências e o lançamento da revista "Renascença" retratam a grandeza da feminista libertária, da educadora anarquista.

Inteligente, cultíssima, de argumentação fácil, corajosa, desassomburada, anarquista, anticlerical, de convicções firmes e francas, pioneira do Amor no Plural e da Procriação Consciente, não cabia dentro das dimensões geográficas e intelectuais do Brasil. Maria Lacerda de Moura desagradou a machistas e chauvinistas, a políticos e religiosos de todos os credos em quem nunca acreditou. Por isso foi cercada, asfixiada, silenciada, sua revista sabotada. Suas obras e seu nome continuam esquecidos até hoje, inclusive pelas feministas. E no entanto essa mulher libertária, vulcânica quando vergastava com sua pena e sua palavra a burguesia, o militarismo, a Igreja, o Estado e os manipuladores do ensino, transpirava humanitarismo por todos os poros, suavidade e doçura quando escrevia ou falava sobre educação.

"Qualquer que seja a categoria do indivíduo, - escrevia Maria Lacerda de Moura em 1923 - ele precisa aprender a amar a Natureza, a respeitar as idéias e os indivíduos, a dizer só a verdade, a reprimir suas paixões, suas más tendências, a cultivar em si sentimentos nobres, conhecer preceitos morais que devem ser observados numa sociedade futura, melhor que a atual.

A educação física, os preceitos higiênicos para a conservação da saúde; o desenvolvimento intelectual para alargar as concepções e os ideais, abrangendo em um golpe de vista a beleza e a majestade, esse, deve ser o ideal da educação nova".

Nas Greves, Manifestações e Protestos

Nas greves, nas comemorações de 19 de Maio, nas manifestações e protestos contra a ganância patronal e as violências governamentais, a mulher esteve sempre presente, direta ou indiretamente. Maria da Luz Abranches e Juana Bulla participa

vam de comícios no Rio de Janeiro, a primeira empunhando a bandeira do sindicato da Construção Civil e a segunda discursando.

A União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas do Rio de Janeiro solta o seguinte grito de emancipação sobre a mulher:

"Vós que sois os precursores de uma era onde possa reinar a igualdade para todos, escutai: tudo que fazeis em prol do progresso, militando no seio das nossas associações de classe, não basta!

Falta ainda alguma coisa, absolutamente necessária e que concorrerá mais eficazmente para o fim desejado por todos os sofredores. É a Emancipação da Mulher!

Homens Conscientes!

Se refletirdes um momento, vereis quão dolorosa é a situação da mulher, nas fábricas, nas oficinas, constantemente amesquinhas por seres repelentes e vis".

Trabalhadores!

A obra da "União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas" é a obra iniciadora da emancipação da mulher".

A mulher-militante do Brasil desprezava o convencionalismo, colocando-se francamente em oposição aos limites da igualdade perante as leis e o chauvinismo; pretendia a emancipação social e humana para todos, liberdade plena independente de sexo, idade, nacionalidade ou cor.

Na mesma direção, as costureiras de São Paulo publicavam longo manifesto assinado por Tecla Fabri, Teresa Cari e Maria Lopes convocando a mulher operária pra lutar contra a jornada de 16 horas e o trabalho noturno, concluindo:

"Como se pode estudar ou ler um livro iniciando o trabalho às 7 horas e retornando às 11 da noite? Das 24 horas só nos ficam 8 para repousar, insuficientes para recuperar no sono as forças exaustas!"

Sim! Contamos com o vosso apoio de irmãs e de companheiras, e assim a vitória será nossa.

Mãos à obra!"

Por insubordinar-se contra os salários baixos, as quilométricas jornadas de trabalho, fazer greves, promover manifestações públicas de apoio aos grevistas gráficos, metalúrgicos, têxteis e protestar contra as deportações, muitas mulheres conheceram os porões da polícia paulista.

A "Voz do Povo"¹³ em sua edição de 15 de abril de 1920, apóia o movimento feminino denunciando as prisões de Maria Antonia Soares, Maria Nandes, Teresa Nandes, Tomasina Monsanto, Gemma Bernardini, Giulia Bernardini e mais dez militantes anarquistas.

No mês de fevereiro do mesmo ano, outro jornal libertário¹⁴ registrava as prisões das operárias grevistas Anunziata Miranda, Angelina Ignácio, Emma Frizzoni e Maria.

"Spartacus"¹⁵ também estampa longo documento com 63 assinaturas de anarquistas protestando contra as expulsões de operários. Entre os signatários notam-

os nomes de Isabel Cerrutti de São Paulo e Elisa de Oliveira do Rio.

No Sul, Adelaide Diz apresenta-se à polícia e exige que a prendam ao lado do seu companheiro detido por distribuir manifestos convocando comício de 19 de Maio. A revolucionária libertária Maria Rodrigues e a agitadora anarquista uruguaia Sofia Garrido tiravam o sono à polícia santista - Sofia fazia discursos em frente à delegacia, desafiando os secretas do delegado Bias Bueno a prendê-la para fazer companhia ao seu companheiro Miguel Garrido há quase 100 dias incomunicável nos porões da polícia santista. Sofia Garrido foi sem dúvida a maior oradora e agitadora aparecida no Brasil. Seus discursos vibrantes tocavam a sensibilidade de gente de todas as camadas sociais. Para livrar-se dela, a polícia santista deportou-a para o Rio Grande do Sul com seu marido.

O trabalhador vivia então momentos de grande agitação. As autoridades desde 1918 prendiam e expulsavam quem protestasse, fizesse greves, publicasse jornais e representasse peças anarquistas, enquanto os patrões, indiferentes à segurança dos seus operários, deixavam que seus cães devorassem menino-operário na fábrica Penteados em S. Paulo. Sua mãe não teve forças para protestar publicamente, mas Umbellina Malhados¹⁶ escreveu em seu nome, no nome de todas as mães:

"Protestamos, para que não mais uma mãe proletária passe pela dor cruel de ver um filho que viria a ser seu amparo na velhice, devorado pelos cães de guarda da Canalha dourada".

Já às portas da ditadura fascista de Getúlio Vargas, uma jovem de 17 anos, Genny Gleizer, foi presa, violentada pela polícia e, para que não pudesse desmascarar seus algozes, "descobriram-lhe forças revolucionárias e subversivas" e resolveram expulsá-la do Brasil.

A notícia ultrapassou as muralhas dos porões policiais.

Maria Lacerda de Moura¹⁷ não hesitou um instante. Escreveu e distribuiu manifesto dirigido às mulheres e às mães brasileiras:

"Não apelamos nem mesmo para a emotividade proverbial ou para a generosidade tão decantada, em prosa e versos, da mulher brasileira, mas apelamos para o vosso egoísmo de mães; se quereis a liberdade dos vossos filhos, defendei a liberdade dos filhos das outras mães. Se quereis a felicidade de vosso lar, lembrai também os lares desgraçados, onde a dor se alojou na tortura de um pai que viu suicidar-se a mulher, vencida pela miséria, e vê, hoje, a filha martirizada pelo crime inominável de buscar, por toda a parte, a solução para o problema da solidariedade humana, do fraternismo universal.

Não se discutam agora as idéias políticas ou as convicções de uma menina que conheceu a desgraça ainda quase no berço e é por isso que aprendeu a pensar".

Muitas mulheres aderiram à campanha pela libertação de Genny Gleizer, mas o Governo não ouviu.

Nos Congressos e Grupos

A mulher esteve também presente no Congresso Internacional da Paz ¹⁸.

Maria Antonia Soares representou o Centro Feminino Jovens Idealistas de São Paulo, e Eliza de Oliveira falou em nome do Centro Feminino de Estudos Sociais, de Pelotas, evidenciando a posição inconfundível da mulher anarquista contra a guerra, comportamento que marcaria sua conduta frente a todas as guerras. Ao longo da Primeira Guerra Mundial o elemento feminino reiterou sua posição pacifista, manifestada igualmente contra a guerra Itália-Abissínia em 1935 e o desencadeamento das ações bélicas que desembocaram na Segunda Grande Guerra.

Para se opôr a esta carnificina humana, a mulher libertária fundou o Comitê Feminino Contra a Guerra e a Federação Internacional Feminina, com sede em S. Paulo. Secretariadas por Maria Lacerda de Moura, estas entidades propunham-se:

*"agremiar todas as mulheres emancipadas do Brasil, a fim de combater sistematicamente e com eficácia a escravização clerical, econômica, moral, jurídica, que asfixiam, degradam e aviltam o sexo feminino". E concluía: "Professoras, funcionárias, floristas, operárias em fábricas e ateliers, trabalhadoras em artes domésticas: vinde até nós, que sereis jubilosa e fraternalmente acolhidas, para todas juntas ajudarmos na construção da Nova Sociedade"*¹⁹.

É dessa época o seguinte texto:

*"Mulheres do Brasil! - O atentado que a Itália fascista está praticando contra a soberania da Abissínia deve ser, para nós mulheres do Brasil, um sinal de alerta e um apelo à união de todas as nossas forças em defesa da paz e da humanidade". E finalizava: "Mulheres brasileiras! Ergamo-nos contra esta exploração dos sentimentos femininos; contra as mentiras dos armamentistas; contra os massacres guerreiros atuais e vindouros. Esqueçamos as diferenças que possam existir de crenças políticas, religião, cultura e colaboremos na campanha de esclarecimento cultural, de demonstrações pela Paz"*²⁰. Assinavam este vibrante manifesto Maria Lacerda de Moura, Itália Fausta e mais 23 mulheres das mais variadas profissões.

No terreno específico das idéias, Maria de Lourdes Nogueira²¹ fundava com outras mulheres libertárias do Rio de Janeiro o A Liga Comunista Feminina, em 27 de maio de 1919.

A iniciativa obedecia a um estatuto composto de "4 pontos" e outros tantos parágrafos. Em apêndice, lia-se: Princípios do Socialismo Anarquista, e o seu texto explicava que a "Liga" era totalmente orientada e dirigida por "secretária de expediente, secretária auxiliar, tesoureira e bibliotecária, substituídas por aclamação semestralmente".

Ainda no Rio de Janeiro, formou-se a União das Costureiras, Chapeleiras e Classes Anexas ("As abelhas de luxo"), contando com a participação de Noêmia Lopes, Elvira Boni e outras mulheres operárias.

Marcou época igualmente o Grupo Pela Emancipação Feminina, com sede à rua Senhor dos Passos, 8, Rio de Janeiro, e a União das Costureiras de Sacos, de

São Paulo, destacando-se Tecla Fabri, Teresa Cori e outros elementos femininos.

Nos Congressos Operários a mulher também se fez ouvir. No Sul, Alzira Werkazer, representando as Costureiras com Catalice Silva, defendeu tese convocando as mulheres:

"Sabemos que a mulher é considerada como ser inferior e fraco, - disse na oportunidade - devido à influência religiosa, que faz com que ela por si mesma se considere sem o direito de lutar em favor de suas reivindicações. Vemos, em todas as indústrias, o braço da mulher explorado miseravelmente como produtor de mão-de-obra barata pelos capitalistas, e compreendemos que ninguém, senão elas mesmas, pode e deve lutar para o seu próprio bem-estar. Há necessidade de incitá-las e animá-las para que se defendam contra a tirania dos exploradores.

Precisamos lembrar às nossas irmãs de infortúnio, para que elas mesmas possam vir a compreender que são associadas poderão, um dia, melhorar a sua péssima situação. E não podem nem devem esperar de nenhum partido político ou Governo a sua defesa econômica, física ou moral; porque a História não registrou fatos desta natureza"²².

No Rio de Janeiro Elvira Boni presidiu a última assembleia do 39 Congresso Operário Brasileiro, realizado em 1920.

Em 1922, na inauguração do "Centro Feminino de Educação", à rua Brigadeiro Machado, S. Paulo, Isabel Cerrutti definiu a posição da mulher anarquista em vibrante discurso do qual retiramos o seguinte texto:

"A emancipação da Mulher não está na igualdade desta perante o homem, nas prerrogativas políticas, de mando e de trabalho, mas sim na emancipação da Humanidade da tutela política e na Igualdade econômica e social de todo o gênero humano".

A mulher não é escrava do homem (salvo em casos anormais), mas sim escrava juntamente com o homem de mil preconceitos, e vítima, como ele, da exploração exercida pelos potentados de ambos os sexos, tanto sobre o homem como sobre a mulher.

Igalá-la aos homens é ficar onde estamos. Nós devemos lutar ao seu lado e junto aos homens para que a emancipação seja um fato, não para a mulher, ou para o homem, mas para todas as pessoas (inclusive crianças e adolescentes), para a Humanidade, porque os dois sexos se integram e se completam".

No Casamento

A mulher não se limitou a participar de eventos ideológicos, pactuou com o anarquismo no casamento, nos nomes dados aos seus filhos²³, lembrando figuras ácratas, sem a presença do padre nos "batizados", nos funerais, cujas "orações" eram proferidas por militantes libertárias, bem como na programação da família.

Vale trazer aqui o testemunho da união livre (casamento) celebrada em cerimônia tipicamente libertária. Eis o seu texto:

"Ata da livre união do Camarada Vicente Llorca com a Companheira Maria Garcia.

Iniciando a celebração da união libertária de Vicente e Maria, usaram da palavra, referindo-se ao alto alcance anarquista do ato que se praticava, os seguintes membros da família ácrata: José Righetti, Domingos Braz, Manuel Pereira, Valéria na Jorge, Ana Luiz, Antonio Luiz, Salomão e Vicente de Llorca, agradecendo.

Por ser verdade, subscrevemos a presente ata.

Petrópolis, 28 de fevereiro de 1924.

Assinaram Vicente de Llorca, Maria Garcia, Eponina Garcia, Júlia Batista da Silva, Luiza Hehn, Carolina Hehn, Ana Luiz, Deolinda Esteves, Conceição Garcia, Luiza Moebus, Verônica Medeiros, Valenciana Jorge, Honorina Sant'Anna, Celina Batista da Silva, Maria Batista da Silva, Maria Rosa de Souza, Leonor de Souza Corrêa, Eugênia Garcia, Salomê de Oliveira, Conceição Garcia de Matos, Elvira Morada, Alzira Jorge e catorze componentes da família anarquista.

Mas a maioria dos libertários uniam-se livremente sem ata ou registro de qualquer espécie. No entanto seus "casamentos" duraram, os cônjuges foram felizes dentro dos limites impostos pela sociedade capitalista.

Na Família

Em carta aberta²⁴ a propósito da campanha em favor dos anarquistas Sacco e Vanzetti, condenados à morte na América do Norte, a operária têxtil Sônia Martins, de São Paulo, faz a seguinte revelação:

"Para honra e glória da humanidade padecente são muitas as mulheres soadoras que divisam um mundo melhor e mais perfeito do que este.

Em toda a orbe elas são aos milhares.

Aqui mesmo, em nossa terra, onde tudo se manifesta tardiamente, de há muito que as mulheres trabalhadoras compreenderam a necessidade de não ser instrumentos para a engrenagem capitalista.

Na minha família, desde minha mãe, minhas irmãs, tias, primas e sobrinhas, todas as nossas mulheres são anarquistas".

Outra família que atravessou cerca de três quartos de século prestando serviços aos anarquismo foi a família Soares. Paula Soares²⁵, convertida ao anarquismo por seu enteado - Florentino de Carvalho - quando morava no Macuco, à rua Brás Cubas, Santos, em 1910, transformou sua casa em local de encontros, reuniões e debates anarquistas.

Filho de pai muito católico, Florentino de Carvalho não logrou convertê-lo ao anarquismo. Em compensação tinha na sua madrastra, Paula Soares, a maior admiradora, e nos irmãos deste segundo casamento (Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, Matilde Soares, Pilar Soares e Manolo Soares), leais seguidores e colaboradores.

Em 1914 a família Soares mudou-se para o bairro do Brás, em S. Paulo. Fixou-se na rua Bresser e em pouco tempo a modesta moradia de Paula Soares foi trans

formada em pousada dos anarquistas foragidos, desempregados e de passagem. Alguns buscavam abrigo, outros comida e alguns endereços de companheiros. Foi ainda ponto de encontros, de reuniões, redação de jornais anarquistas, sala de aula de alfabetização, de sociologia e de anarquismo. Uma taramela de madeira era a fechadura da casa da família Soares. A chave, um barbante amarrado numa das extremidades da taramela, atingindo o lado de fora por um orifício de um quarto de polegada com um nó na ponta.

Todos os anarquistas tinham a "chave": era só puxar o barbante e a porta abria.

Mas quando a polícia visitava o "lar da família Soares" ou seus "secretas" rondavam as imediações, o barbante era recolhido. Os "visitantes" logo percebiam o aviso e afastavam-se antes que as autoridades os surpreendessem.

Em 1923 a família Soares mudou-se para a rua Maria José, na Penha, Rio de Janeiro. E de novo a "Casa de Paula Soares" se transformou em ponto de encontros, abrigo de foragidos, "salão" de ensaio de peças de libertários, de reuniões e planejamento de pique-niques da família anarquista do Rio de Janeiro. Só o falecimento de Paula Soares e dos maridos de Maria Antonia Soares (Manoel Campos) e de Matilde Soares (Henrique Ramos) e a ditadura conseguiram interromper o reduto anarquista representado hoje pela firmeza de Maria Angelina Soares, apesar dos seus oitenta e tantos anos.

A Presença de Maria Lacerda de Moura

Contrariando sua vontade, Maria Lacerda de Moura não teve filhos. Esse fato pesou emocionalmente, agredindo o seu desejo de ser mãe, já que tinha adoração pelas crianças. Não podendo gerar filhos, começou a criar - ainda em Barbacena - uma menina de origem muito pobre, educando-a como filha. Formou-a no mesmo colégio onde havia estudado, orientando-a até casar-se. Mas isso era pouco para quem tinha tanto amor para dar. Sua irmã, também professora, vítima de paralisia, deixou à sua guarda um filho de 4 anos, a quem dedicou todo o seu afeto, ajudando-o a atingir seu objetivo de ser advogado.

Mas o seu amor não tinha limitações, não se circunscrevia às duas crianças: era irrestrito, abrangia a Humanidade.

Por isso escreveu sempre voltada para a mulher e o amor no seu sentido mais amplo:

"Não é desconhecendo os problemas da vida real ou omitindo-os - afirmou - que poderemos auxiliar moralmente os que sofrem por ignorância dos seus deveres humanos. Não é fingindo que não existem tais problemas que poderemos amenizar algumas dores e reeducar os sentimentos dos seres ainda animalizados. Que poetas subam com seus instrumentos para cantar a beleza, espreitando as rosadas nuvens: é talvez sua missão. Porém, nós, os pensadores, temos que descer até o povo rude da alta ou da baixa sociedade, pois todos são iguais... para fazê-los dar um passo mais em sua elevação espiri

tual. A nós cabe criar formas, pensamentos de vida pura, a noção de responsabilidade e de dever, e em silêncio voluntário, em solidão e em meditação de uma vida quase ascética, temos que fazer algo para despertar o íntimo dos adormecidos nas calçadas das ruas da vida. E não é escondendo a verdade e as injustiças humanas, senão defendendo o que é nobre, tendo a coragem de olhar de frente a comédia humana da mentira e dos ídolos sociais, tendo a temeridade de olhar de frente a hipocrisia geral, que a boa educação convencional acredita necessária ao bom entendimento e à diplomacia de salões ou grã-finismo exótico e idiota".

Caminhando sempre na direção do humanitarismo, chegou à questão social por amor ao semelhante, e dela ganhou a mais firme convicção. Para Maria Lacerda de Moura o sentimento de fraternidade só existia onde a liberdade fosse cantada como um hino da vida e a igualdade à lei natural.

Firme em suas convicções emancipadoras, de alcance universal, Maria Lacerda de Moura, em 1925, escrevia:

"A mulher precisa aprender mais, para agir melhor. A equidade está acima da caridade, sufoca-a. Não podemos passar por uma mulher do povo, quase selvagem na sua ignorância, sem lhe lançar um olhar de fraternidade, elevando a incúria, protestando contra o egoísmo dos povos, das nações.

Todos os oprimidos nasceram de ventres femininos, sufocados os corações num lampejo de dores e bênçãos.

Para cada criança nascida na sociedade, temos um dever a cumprir.

E a criatura nasce com direito à luz da vida, à aurora do pensamento, ao beijo do amor.

Cada coração feminino deve ser uma "Creche" imensa, para conter a Humanidade. E, para agasalhar todos os ventres fecundos - cada alma de mulher deve ser uma infinita maternidade.

Toda a humanidade passa pelo berço, e quem embala o berço, que canta as primeiras cantigas de adormecer, quem acorda as crianças para os arrebois das primeiras alvoradas da alma - é a mulher.

Quem devassa o coração do adolescente e faz lá dentro nascer a angústia ou alegria de amar - é a mulher.

Quem acompanha o homem de mais perto na idade viril levando-o aos pãramos iluminados do sonho ou do abismo do vício e de degradação, ou ainda quem o pode adormecer na indiferença da mediocridade - é a mulher.

É preciso, pois, elevá-la a alturas inconcebíveis, dar-lhe coragem, estimulá-la ante a responsabilidade dessa missão de Beleza, missão regeneradora; fazer dela o novo Evangelho da Redenção, pronta para o sacrifício de si mesma, em busca de novas esperanças, para conforto, para força moral dessas coortes de idealistas da "Cidade Futura"...

Paz, Beleza e Bem-Estar para todos deve ser a nossa divisa.

Esse "é o meu verbo de Fraternidade!"

Escrevendo sobre os filhos que não teve,conclui:

No dia em que as crianças forem filhas do puro Amor (dentro ou fora da lei), quando as crianças forem filhas do sonho de criar qualquer coisa acima de nós mesmos, quando os filhos são a obra vulgar do acaso ou do descuido - então, veremos surgir outras verdades, outras teorias mais delicadas; outros sonhos e outros anhelos nascerão por entre todos os caminhos para uma sociedade mais digna.

...E, um dia, todos os homens e mulheres da terra, sem distinção de raça, de casta, de cor, de sexo ou de nacionalidade, serão irmãos no auxílio mútuo e no respeito mútuo à dignidade da consciência livre - para mais alta evolução, através do tempo e para além do espaço"...

Para se entender a universalidade, o alcance das idéias libertárias individualistas da autora de A Religião do Amor e da Beleza, nada melhor do que colher em suas obras o material de análise.

São assim o leitor poderá entrar nos seus pensamentos e extrair deles a dimensão da capacidade, a profundidade do ideal que serviu de bússola à Grande figura humana que foi Maria Lacerda de Moura.²⁶

A Prata da Casa

Nos últimos anos o movimento feminino cresceu, multiplicou-se e livros foram publicados tendo como sujeito a mulher. Mulheres e Trabalhadoras, de Maria Valéria Junho Pena; A Mulher Operária, de Jesita Martins Rodrigues; Operário Operária, de Arakcy Martins Rodrigues; Teresina etc., de Antonio Cândido, Emma Goldman, de Elisabeth Souza Lobo e outros.

Dos três primeiros autores pouco se pode dizer. Suas obras são técnicas, frias, insensíveis, anti-humanistas, atuam como braços mecânicos manejados por computadores, fundamentados em pesquisa de fora para dentro do Brasil. Enfeixam dados, números, teorias agilizados por candidatos ou ditadores como Lenine, Mão-Tsé-Tung, Marx, Engels, Trotsky, Antonio Gramsci de mistura com citações de políticos liberais.

Das três autoras, duas desconhecem completamente a mulher libertária do Brasil e Maria Valéria Junho Pena passa como "gato sobre brasas" pelo movimento libertário. Não se deu conta da valiosa "prata da casa" e chega a atribuir influência da socialista Ernestina Lesina na fundação da "União (não Associação) das Costureiras de Sacos", sem descobrir Tecla Fabri, Teresa Cori e Maria Lopes, elementos femininos de proa nesta entidade, enquanto empresta méritos a Laura Brandão, que ela nunca teve.

Entre os muitos pecados cometidos pelas três autoras contra a mulher idealista e feminista do Brasil, está o total desconhecimento da agitadora, da professora de ensino livre, da conferencista, da jornalista e escritora libertária.

Parece nunca ter encontrado os nomes de Alzira Werkauzer, Maria Silva, Sofia Garrido, Maria Antonia Soares, Maria Angelina Soares, Matilde Magrassi, Isabel Cerrutti, Anita Figueiredo e da escritora Maria Lacerda de Moura, com mais de uma dú

zia de livros, alguns traduzidos ao castelhano e ao francês.

Dos dois últimos, o autor de Teresina etc fez um trabalho louvável enquanto em Emma Goldman Elisabeth Souza Lobo projeta-se na figura da anarquista e feminista Emma Goldman, cometendo por isso alguns enganos. Por exemplo: além das dúvidas que deixou no ar, esqueceu de procurar no Brasil e nos países de língua portuguesa e castelhana dados que bem poderiam suprir falhas sobre a vida e a obra da cidadã do mundo que elegera para tema de sua obra.

Não se pode ser nacionalista e/ou internacionalista totalmente. As idéias não têm pátria, podem ser colhidas aqui ou ali, vestidas com roupas patrióticas e/ou apátridas, mas não invalidam a verdade: cada um de nós colhe conhecimentos nos conhecimentos dos outros...

O anarquismo é uma dessas ideologias adotadas no Brasil que veio de fora. Outro tanto aconteceu com a rejeição do serviço militar obrigatório agitado pelo periódico Não Matarás, do Rio de Janeiro, publicado pelos libertários J.Mota Assunção, Eloy Pontes, embasados no folheto A Mulher e o Militarismo, de F. Domela Nieuwihuis, editado em S. Paulo pelos grupos Aurora e Libertas.

Não se pode ver como acontecimentos isolados cães devorando crianças operárias na Fábrica Penteado²⁷ e martirizando suas mães; o esfacelamento da menina operária Mariana Porto, de 13 anos, na "Fabrica de Meias Raposas"²⁸; ou a expulsão da jovem operária Emma Sartorelli, de 17 anos, por reivindicar direitos postergados. Nem é um acontecimento isolado o apoio das mulheres aos operários gráficos em greve ou os discursos de Isabel Cerrutti no Largo da Concórdia (S. Paulo) em defesa dos anarquistas Sacco e Vanzetti, condenados à morte na América do Norte, e/ou a convocação do proletariado para lutar contra o Capital e o Estado com um "Avante, povo trabalhador, espezinhado! Avante para a Anarquia!"²⁹

A solidariedade humana foi e é um princípio universal defendido ontem e hoje pelo elemento feminino de convicções libertárias, como Maria Madalena, Isabel Peleteiro, Carmen Ribeiro, Elisa Gonçalves de Oliveira, Maria Rodrigues, Anarquia de Cária, Lucélia Martins, Concha Carrasco, Ida Botino, Carolina Peres, Maria Valverde, Angelina Soares, Mirtes, dra. Maria Iêda de Moraes (diretora do jornal anarquista Re modelações), a profa. Ester Redes, Sônia Oiticica (diretora do jornal anarquista Ação Direta do nº 120, agosto de 1957, ao nº 129, novembro de 1958) e tantas outras mulheres ignoradas pelas feministas e pesquisadoras modernas que foram ao Exterior, voltaram e não descobriram a prata da casa.

REFERÊNCIAS:

1. A carta que reproduzimos nunca foi publicada. Tem a data de 16-5-1942, foi enviada da Ilha do Governador, Rio de Janeiro, por Maria Lacerda de Moura ao anarquista Rodolfo Felipe, cerca de 3 anos antes de falecer. (Arq. do A.)
2. As duas filhas sobreviventes de Adela - Ebede e Pierina Rossi - foram mais tarde

para a Itália e a segunda doutorou-se em Ciências Matemáticas no ano de 1919.

3. Sobre seu avô Francisco Gattai, fundador da Colônia Cecília e pioneiro do anarquismo no Brasil, idéia que defendeu até à morte, Têlia revela-se igualmente in justa.
4. O trabalho de Rossi tinha por título Um Episódio d'Amore nella Colonia Cecilia. Edgar Rodrigues, em seu livro Trabalhadores Italianos no Brasil, inclui parte convertida no idioma português.
Le Revolte, ano 6, nº 25, de 4-10-1893, também publicou um artigo de Pedro Kropotkine, intitulado Colonisation Anarchiste, contestando Coppês, crítico da Colônia Cecília: "Ainda que lhe desagrade, o ideal anarquista não é pôr as mu lheres em comum; a Anarquia proclama a igualdade da mulher e do homem, reconhece sua independência, sua total autonomia, inclusive nos atos de amor".
5. Renovação, 1919. Nestes anos distantes, a mulher - objeto sexual - não tinha a dimensão dos nossos dias nem a sua comercialização ilustrando calendários, revistas eróticas e propaganda comercial apoiada na mulher nua, havia ganhado proporções tão lucrativas, deformadoras e alienantes, como em nossos dias.
6. Maria Silva no final de 1938 ainda vivia fiel ao anarquismo. Segundo Rafael Fernandez, contava então cerca de 90 anos e gozava de perfeita lucidez e boa memória. (dados no Arq. do A.)
7. Catalice Silva era costureira.
8. Maria Angelina Soares ainda vive e continua acreditando que o anarquismo é capaz de promover a felicidade humana.
9. Este foi o nome pelo qual passou a ser chamada a filha do velho anarquista Krup, tal a sua identificação com personagem de igual nome na peça Sangue Fecundo, re-presentada inúmeras vezes.
10. Clotilde Duarte e Davina Fraga, operárias costureiras, com Isidoro Alacid, e os operários marmoristas Oscar Duarte e Augusto Anibal acabaram contratados pela Com panhia Nacional de Teatro e terminaram seus dias como atores profissionais.
11. Anita Figueiredo também colaborava na imprensa anarquista.
Em 1921, publicou na revista Renovação uma série de artigos intitulados a Mu lher e a Religião com o seguinte apelo: "A anarquia é o ideal que reúne todos os elementos com que se poderá organizar uma sociedade onde os seus membros gozem a felicidade e o bem estar compatíveis com os ditames da moral e da razão.

É pela anarquia que a mulher, inteiramente consciente dos seus direitos, deve lutar, juntando os seus esforços ao do seu companheiro.

Em prol do elevado ideal da anarquia, peço às mulheres em geral para se afastarem da influência nefasta da religião e para trabalharem para a organização de uma sociedade onde os deveres e os direitos sejam iguais para todos e onde não exista Deus nem diabo". José Otílicica escrevendo sobre "energia feminina" na revista A Vida, convoca a companheira do homem para lutar pela emancipação social e humana ao seu lado.

12. Maria Lacerda de Moura publicou: Em Torno da Educação, Porque Vence o Porvir, Renovação, A Mulher e a Maçonaria, A Fraternalidade e a Escola, A Mulher Moderna e seu Papel na Sociedade Atual e na Formação da Civilização Futura, A Mulher é Uma Degenerada? (réplica ao cientista Miguel Bombarda), Lições de Pedagogia. Religião do Amor e da Beleza, De Amundsen a Del Prete, Clero e Estado, Civilização Tronco de Escravos, Amã E... Não Vos Multipliqueis, Han Ryner e o Amor no Plural, Serviço Militar Obrigatório Para a Mulher - Recuso-me e Renuncio, Ferrer, O Clero Romano e a Educação Laica, Português Para os Cursos Comerciais, O Silêncio (obra póstuma).
13. Diário anarquista do Rio de Janeiro.
14. "O Grito Operário", S. Paulo, 18-2-1920.
15. Jornal anarquista, Rio, 27-9-1919.
16. A Voz da União, anarquista, São Paulo, 4-11-1922. O artigo-protesto de Umbelina tinha por título Devorado pelos Cães.
17. A Manhã - S.P., 19-9-1935, Novos Rumos, Edgar Rodrigues. O jornal anarquista A Plebe, S. Paulo, 12-10-1935, também publicou Memorial de Protesto da Federação Regional Anarquista em solidariedade à jovem vítima da polícia paulista.
18. Rio de Janeiro - Federação Operária, Praça Tiradentes, 71, sobrado, 14 a 16 de outubro de 1915.
19. Este chamamento tinha conexão com manifesto da Federação Operária de São Paulo divulgado pelos jornais A Plebe, O Trabalhador e A Platéia.
20. Novos Rumos, Edgar Rodrigues.
21. Manifesto reproduzido no livro Nacionalismo e Cultura Social, Edgar Rodrigues.
22. Alvorada Operária, Edgar Rodrigues.
23. Recordemos entre outros o anarquista Vicente de Caria. Suas filhas tinham o nome

de Anarquia, Libertã e Acracia de Caria. Outros colocaram em seus filhos nomes como Germinãl, Libertãrio, Liberto, Amor, Spartacus, Eliseu Reclus, Ideal, Bakunine, Malatesta e Zola.

24. A Plebe , S. Paulo, 6-8-1927.

25. Estes dados devemos-los a sua filha Maria Angelina Soares. Foi ela mesma quem nos forneceu - juntamente com seu companheiro Amilcar dos Santos, também anarquista - informações que registramos. Atualmente vive no Rio de Janeiro.

26. Maria Lacerda de Moura foi fortemente influenciada pela feminista e educadora sueca Ellen Key (1849-1926). Fora do Brasil, colaborou em revistas da América Latina e em Estúdios de Valência, Espanha, n.ºs. 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 138, 142, 148, 152, 153 (1932-1935), e na Europa em "Cadernos Amigos de Han Ryner" n.ºs 30,31,34. Neste último número sua colaboração tinha por título: Tem sexo a inteligência? . Colaborou em "Inquietudes" e depois de seu falecimento foram inseridos em CENIT (revista, Toulouse) n.ºs 49, 69, 85 e 90 (1955-1958).

O livro do escritor rumeno Eugen Relgis: Encosta América Europa (México) fala da anarquista Maria Lacerda de Moura com o mesmo carinho que Vladmir Muñoz em Voluntã do Uruguai e Reconstruir da Argentina.

27. Nacionalismo e Cultura Social - Edgar Rodrigues.

28. Novos Rumos - Edgar Rodrigues.

29. Novos Rumos - Edgar Rodrigues.